

A semântica dos nomes nus no português brasileiro falado em Teresina – PI

The semantics of bare nouns in Brazilian Portuguese spoken in Teresina – PI

Nize da Rocha Santos Paraguassu Martins¹, Rivanildo da Silva Borges²

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP. Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.
nparaguassu@hotmail.com

² Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Bolsista de iniciação científica PIBIC/UESPI.
rivanildosilva32@hotmail.com

RESUMO: Este artigo investiga a semântica dos nomes nus no português brasileiro (doravante PB) falado em Teresina - PI. Chierchia (1998) propõe uma parametrização nominal das línguas naturais, tendo em vista os nomes nus. Na sua proposta, o autor delimita três possíveis tipos de línguas: (i) línguas em que os nomes nus aparecem livremente em posição argumental sem marcação de número (singular nu); (ii) línguas em que só há possibilidade de nomes nus com marcação de número (plural nu) e sob condições restritas; (iii) e línguas em que ocorrem nomes no singular nu (para nomes massivos) e no plural nu (nomes contáveis). Na descrição do PB, há um consenso quanto à necessidade de revisão do parâmetro proposto por Chierchia, pois nessa língua os nomes nus ocorrem livremente como argumento, tanto no singular nu quanto no plural nu. Assim, a questão que buscamos responder é se, no PB falado em Teresina, encontramos os nomes nus com esse comportamento aparentemente livre e, quanto a sua denotação, quais interpretações eles licenciam. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, recorrendo qualitativamente ao corpus de análise linguística PORFATER, com o objetivo de explicitar as posições em que os nominais nus ocorrem no PB e as interpretações que eles licenciam, além de investigar se esses nomes denotam ou não espécie. Os resultados mostram que: os nomes nus aparecem livremente apenas em posição de objeto, variando sua interpretação entre leitura genérica e existencial; e não há casos de nomes nus denotando espécie. Concluímos que os nomes sem determinantes no PB falado em Teresina são todos indefinidos heimianianos, que não possuem a capacidade de denotar espécie e que a posição aparente de sujeito ocupada pelo nome nu se trata de um tópico sentencial, conforme a proposta de Müller (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Semântica formal; Nomes nus; Português Brasileiro; PORFATER.

ABSTRACT: This paper investigates the semantics of bare nouns in Brazilian Portuguese (BP) variety spoken in Teresina. In order to explain the behavior of bare nouns in natural languages, Chierchia (1998) proposes a nominal parameter. In his proposal, languages are divided in three types: (i) there are languages with bare nouns occurring freely as arguments, with no number morphology (bare singulars); (ii) there are languages with bare nouns occurring only in restricted contexts, always with number morphology (bare plurals); (iii) and for some languages only mass nouns appear as bare singulars, while count nouns appear as bare plurals. There is a consensus in the literature on the fact that BP data indicates the need of reformulating Chierchia's proposal, since both singular and plural bare nouns occur freely as an argument in such a language. The aim of this paper is to look into the BP spoken in Teresina (PI), discussing the distribution of bare nouns in argumental positions, as well as their denotation, and finding out their possible interpretations. In order to achieve our goal, we have performed corpus-based research. Our analysis was concentrated on the PORFATER corpus. Regarding the distribution of bare nouns, we found out that they only occur freely in complement position, showing generic readings as well as existential readings. We also did not find kind denotations for bare nouns at all. Such a picture leads to the conclusion that bare nouns in the BP variety spoken in Teresina behave like indefinites in Heim's 1982 view. The bare nouns in the examined corpus do not denote kinds. We also claim that whenever they seem to be in subject position they are actually a sentential topic, as in Müller (2004).

KEYWORDS: Formal Semantics; Bare Nouns; Brazilian Portuguese; PORFATER.



Introdução

Este artigo trata da semântica dos nomes nus, assunto muito discutido ao longo dos anos na literatura em Semântica Formal, a partir das reflexões de Carlson (1977) acerca desses nomes no inglês. Para o português brasileiro (PB), a literatura do assunto oferece-nos interessantes análises e conclusões, começando pela necessidade de observação mais acurada do uso desses nomes nessa língua.

São denominados nomes nus aqueles nomes ou sintagmas que aparecem nas sentenças sem determinante explícito, como em (1), (2) e (3):

- (1) Cães são animais bastante úteis.
- (2) Tem menino na sala.
- (3) João não leu livro ontem.

Tomando apenas o exemplo em (2), percebemos o quanto a não explicitação de determinantes é significativa no PB: mesmo os nomes ‘menino’ e ‘livro’ aparecendo no singular morfológico, a leitura que fazemos desses nomes é neutra em relação a número, podendo ser tanto singular como plural. A retomada de ‘menino’ em (2), por exemplo, comprova essa neutralidade: podemos fazer essa retomada por meio de um anafórico tanto singular, como plural:

- (2') a. Tem menino na sala e ele está muito inquieto.
- b. Tem menino na sala e eles estão muito inquietos.¹

¹ Em alguns contextos, como em “João comprou batata”, a retomada com anafórico singular não é muito aceita. Julgamos que essa recusa se dá pela força do uso, não pelo processo anafórico em si.

Nas demais línguas românicas a ocorrência de nomes nus obedece a restrições que no PB não encontramos, como apresentado em (1), (2) e (3): nessa língua, nomes nus aparecem tanto no singular² quanto no plural; em posição de sujeito (a seguir veremos a hipótese de Müller (2004) de que essa posição não é de sujeito, mas de tópico) e de objeto; e participando de predicados diversos.

Um dos grandes problemas na análise do comportamento semântico dos nomes nus no PB diz respeito a sua denotação, especialmente do singular nu. Enquanto que, de um lado, Schmitt & Munn (1999, 2002), Pires de Oliveira et al. (2010), Pires de Oliveira & Rothstein (2011) defendem que nomes nus podem denotar espécie no PB, Müller (2000, 2002, 2004) e Müller & Oliveira (2004) defendem que essa não é uma denotação disponível para o singular nu no PB.

O objetivo deste artigo é investigar a semântica dos nomes nus no PB, de modo mais específico, apontar as interpretações que esses nomes licenciam e os contextos em que eles são empregados no PB falado em Teresina-PI, a fim de corroborar ou refutar os estudos já realizados para o PB.

Os dados analisados são do *corpus* apresentado no livro *Português Falado por Estudantes Teresinenses – PORFATER (LIMA; SERRA, 2010)*³. Trata-se de um *corpus* de análise linguística, organizado e publicado pela Universidade Federal do Piauí, constituído de entrevistas feitas com alunos do ensino fundamental e médio da rede pública e privada dessa cidade.

Nosso artigo estrutura-se da seguinte forma: na seção 1, apresentamos o parâmetro nominal de Chierchia e a sustentação de Müller (2002) e Müller & Oliveira (2004) da necessidade de revisão desse parâmetro; na seção 2, apresentamos as leituras genérica e existencial dos nomes nus, a partir da

² Alertamos para o problema da denominação ‘singular nu’, pois essa diz respeito apenas à morfologia e não à semântica dos nomes.

³ Livro publicado em 2010 pela EDUFPI. ISBN: 978-85-7463-330-5.

proposta de Müller (2000) de aplicação ao PB da quantificação genérica nos moldes de Heim (1982); na seção 3, apresentamos as considerações para o PB acerca da possibilidade ou não de nomes nus denotarem espécie; na seção 4, apresentamos a hipótese de Müller (2004) de que nomes nus são tópicos sentenciais; apresentamos qualitativamente os dados do *corpus* PORFATER na seção 5; e finalizamos o artigo com nossas conclusões⁴.

1 O parâmetro nominal de Chierchia e nomes nus no PB

Chierchia (1998) propõe uma parametrização das línguas humanas baseada na denotação de nomes comuns (N) e de sintagmas nominais (SN). O autor propõe que existem três tipos de língua, de acordo com os traços que marcam as possíveis denotações de N e de SN:

- i) Línguas [+arg, -pred];
- ii) Línguas [-arg, +pred];
- iii) Línguas [+arg, +pred].

O tipo [+arg, -pred] refere-se à obrigatoriedade de, numa dada língua, nomes nus denotarem entidades (tipo <e>)⁵, i.e., referirem-se diretamente a indivíduos. Aqui, N e SN ocupam posições argumentais e denotam objetos e espécies (classe de indivíduos). Línguas desse tipo não possuem morfologia de número, assim, os nomes que encontramos são todos no singular nu. O exemplo canônico desse tipo de língua é o chinês.

Em línguas do tipo [-arg, +pred], N e SN são propriedades (tipo <e,t>), i.e., não denotam indivíduos diretamente, mas um conjunto desses, de modo que sua denotação é apenas predicativa e só sintagmas de determinante (SD) podem ocupar posições argumentais. Nessas línguas, encontramos

eventualmente nomes nus, em condições muito restritas, apenas no plural nu, já que tais línguas possuem contraste morfológico entre singular e plural. Como exemplo, Chierchia utiliza as línguas românicas.

Por fim, línguas do tipo [+arg, +pred], admitem nomes nus em posição argumental: singular nu apenas para nomes massivos (tipo <e>); e plural nu apenas para nomes contáveis, podendo ter seu tipo mudado de <e, t> para <e>. No caso desses últimos, os nomes serão todos no plural nu, já que espécies são constituídas somente de indivíduos plurais. O exemplo de línguas desse tipo é o inglês.

Müller (2002) e Müller & Oliveira (2004) discutem esse parâmetro de acordo com a ocorrência de nomes nus no português europeu (PE) e no PB. Ambos os trabalhos mostram que o parâmetro de Chierchia não funciona para essas duas línguas.

Embora, como esperado pelo parâmetro, não ocorram nomes nus no PE, a denotação de espécie não está disponível para o plural nu (ver (4) e (5)) nem no PE, nem no PB. Nas duas línguas apenas as leituras taxonômicas (no primeiro caso) e a existencial (no segundo) estão disponíveis para o plural nu.

(4) *Elefantes estão extintos.

(5) *Homens de coragem chegaram à Lua em 1969.⁶

Segundo as autoras, a leitura que fazemos de (4) é a de que alguns tipos de elefantes estão extintos, a referência aqui é a subespécies, não à espécie dos elefantes. Já em (5), a leitura é a de que alguns homens chegaram à lua (Neil Armstrong e mais alguns colegas), a referência é a alguns indivíduos específicos, não à espécie humana.

⁴ Tentamos incorporar, na medida do possível, todas as observações feitas pelos pareceristas, a quem agradecemos as observações e críticas.

⁵ Para um estudo mais aprofundado dos tipos lógicos, ver Borges Neto (2003).

⁶ No segundo caso, o asterisco não indica agramaticalidade, refere-se apenas à denotação de espécie que, segundo argumentam as autoras, não está disponível para os nominais nus dessas duas línguas. Para elas, apenas a interpretação existencial está disponível.

Um fato ainda mais surpreendente acontece para o PB: o comportamento aparentemente livre dos nominais nus, especialmente o singular nu, como em⁷:

- (6) Professor trabalha muito.
- (7) Macaco é inteligente.
- (8) Pedro come biscoito depois do almoço.
- (9) Pedro leu revista ontem.

Tendo em vista que o parâmetro nominal prevê que PE e PB são línguas do tipo [-arg, +pred] e que, para o PB, o singular nu está disponível, a questão que as autoras levantam é a seguinte:

The fact that BP has singular/plural morphology and no general classifying system should make it a [+pred] language in Chierchia's typology. On the other hand, the fact that bare singulars may occur in unguarded positions should make it a [+arg,] language. Is BP a [+arg, +pred] language? If so, how does one explain the ungrammaticality of kind-readings for bare singulars? (MÜLLER & OLIVEIRA, 2004, p. 16-17).⁸

Veremos adiante que, para alguns autores, a denotação de espécie é sim possível para o PB, no entanto, o que destacamos dessa discussão acerca do Parâmetro Nominal de Chierchia é o que já foi amplamente discutido entre os autores da área: o entendimento de que tal proposta não explica a produtividade dos nomes nus, especialmente o singular nu, no PB. Nossa

⁷ Trataremos dessa “aparente” liberdade do nominal nu com mais cuidado na seção 4.

⁸ “O fato de que o PB tem contraste morfológico singular/plural e não tem sistema geral de classificação faria dele uma língua do tipo [+pred], segundo a tipologia de Chierchia. Por outro lado, o fato de que o singular nu pode ocorrer em posições não governadas deveria fazer dele uma língua do tipo [+arg]. O PB é uma língua [+arg, +pred]? Se é, como explicamos a agramaticalidade da denotação de espécie para o singular nu?” (Tradução nossa)

intenção será a de corroborar com a hipótese de Müller (2002) e Müller & Oliveira (2004) de que os traços [+/-arg, +/-pred] não são suficientes para a descrição do PE e (de agora em diante mais especificamente) do PB, a partir de dados do *corpus* Português Falado por Estudantes Teresinenses – PORFATER.

Na seção a seguir, discutimos a hipótese de Müller (2000) de que nomes nus no PB são indefinidos heiminianos.

2 Interpretação genérica e existencial dos nomes nus no PB

A expressão da genericidade nas línguas naturais se dá por meio de dois mecanismos: a quantificação genérica e a referência a espécie. Enquanto na quantificação genérica temos uma generalização provinda da sentença, na referência a espécie é a natureza de um sintagma que garante a generalização – esse segundo mecanismo é o alvo de nosso estudo na seção 3.

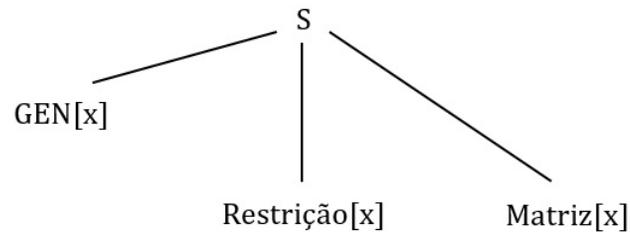
Como dito, existem sentenças que expressam generalização sobre eventos e hábitos, essas generalizações são sentenciais, como são os casos em (10), (11) e (12):

- (10) Uma criança é alegre.
- (11) Mulher adora maquiagem.
- (12) Brasileiro deixa tudo pra última hora.

Em contextos genéricos como esses, é extremamente produtivo o uso de nomes nus, como em (11) e (12) e, investigando essa produtividade, Müller (2000) utiliza-se da análise dos indefinidos genéricos de Heim (1982) para explicar esse fenômeno.

Heim (1982) propõe que indefinidos são sintagmas que introduzem uma variável na estrutura semântica da sentença, assim, um nome como ‘mulher’ em (11) é um nome que contém uma variável livre: mulher (x). Em contextos genéricos, é essa variável que permite a ação do operador genérico (implícito ou explícito) (ver KRIFKA et al. 1995), que garante a expressão da genericidade. Esquemáticamente, a proposta da quantificação genérica é a seguinte:

(13)



Gen (x) é um operador genérico, implícito no aspecto do verbo da sentença, que toma dois argumentos: uma restrição e uma matriz. O indefinido genérico é a restrição dessa estrutura quantificacional, e sua variável livre é presa pelo operador Gen(x). A quantificação genérica da sentença em (11) teria aproximadamente a seguinte forma lógica:

- (11') a. GEN[x] (Restrição[x]; Matriz[x])
 b. GEN[x] (*Mulher[x]; adora maquiagem[x]*)
 c. (*Geralmente*) **Mulher** adora maquiagem.

Advérbios como ‘geralmente’, ‘normalmente’, ‘tipicamente’ são formas de explicitação desse operador genérico, como propõem Krifka et al. (1995) e Gerstner & Krifka (1993), dessa forma, se pudermos numa sentença explicitar os advérbios acima, estamos diante de uma sentença genericamente quantificada.

É corolário do estudo de Müller (2000) a ideia de que o singular nu é, no PB, preferencialmente o sintagma que introduz a variável livre na quantificação genérica. Podemos argumentar a esse favor devido à não especificidade, que combina perfeitamente com a genericidade, que é própria dos nomes nus. Nomes nus permitem apenas leitura não-específica, enquanto sintagmas indefinidos permitem, além dessa, uma leitura específica:

- (14) a. João quer comprar **uma casa** nessa rua.
 b. *Existe uma casa x que João quer comprar e ela fica nessa rua.*
 (Leitura específica)
 c. *João quer comprar qualquer casa que fique nessa rua.*
 (Leitura não-específica)
- (15) a. João quer comprar **casa** nessa rua.
 b. *João quer comprar qualquer casa que fique nessa rua.*
 (Leitura não-específica)

Nomes nus são, portanto, um indefinido heiminiano, que contém uma variável livre a ser presa pelo operador genérico.

Em contextos existenciais, aqueles em que o aspecto verbal não traz consigo um operador genérico, mas sim um operador existencial, nomes nus sempre licenciam apenas a leitura não-específica, como mostrado em (15). Outros exemplos seguem em (16) e (17):

- (16) Júlia comeu **bombom**.
 (17) Marcos comprou **livros** ontem.

Resguardamos os casos em que nomes nus aparecem em posição de sujeito para a seção 4.

Apresentamos nesta seção um dos mecanismos de expressão da genericidade, a quantificação genérica. O segundo mecanismo, a referência a espécie, expomos a seguir.

3 A denotação de espécie

Carlson (1977) foi quem primeiro analisou a denotação de espécie, a partir dos chamados *bare plurals* no inglês. Segundo o autor, nosso aparato cognitivo vê o mundo contendo indivíduos de dois tipos: objetos ou espécies. Objetos são entidades como ‘este artigo’ ou ‘Pelé’. Já espécies são entidades plurais que se definem por uma série de características em comum, por exemplo ‘a criança’ ou ‘o telefone’. Para o autor, indivíduos são realizados em contextos particulares por meio de seus estágios. Surge daí a noção de predicados-de-estágio (18) e (19), predicados-de-objeto (20) e (21) e predicados-de-espécie (22) e (23).

(18) Os alunos da UESPI estão fazendo uma manifestação no campus agora.

(19) Um mico-leão-dourado está correndo ali no meu jardim.

(20) Aluno da UESPI estuda bastante.

(21) Mico-leão-dourado descansa à noite.

(22) O mico-leão-dourado está extinto.

(23) Santos Dummont inventou o avião.

A partir da noção de predicados-de-espécie é que adentramos a um problema crucial na análise do PB: se os nomes nus podem ou não denotar espécie. Apesar de todas as análises para o PB concordarem que em predicados como “x inventar y” (23) não ocorrem nomes nus, predicados

como ‘x estar extinto’ causam dúvida quanto a sua possibilidade de terem nomes nus como argumento. A grande questão, portanto, é: o que acontece ao combinarmos um predicado de espécie com um nome nu em posição pré-verbal? A resposta a essa questão não é unívoca: de um lado, Munn & Schmitt (1999, 2005), Pires de Oliveira et al. (2010) e Pires de Oliveira & Rothstein (2011) consideram aceitáveis a saturação de predicados-de-espécie por meio de nomes nus e, portanto, defendem que eles denotam espécie; do outro lado, Müller (2000, 2002, 2003, 2004) e Müller & Oliveira (2004) defendem que nomes nus não licenciam denotação de espécie, logo, são agramaticais com predicados-de-espécie. Passemos às considerações das duas correntes⁹.

3.1 Munn & Schmitt (1999, 2002), Pires de Oliveira et al. (2010) e Pires de Oliveira & Rothstein (2011)

Esses trabalhos comungam da ideia de que a sentença em (24) é aceitável no PB:

(24) Dinossauro está extinto.

Todos esses autores consideram que é possível encontrarmos no PB nomes nus saturando predicados-de-espécie. Os autores propõem ou que nomes nus são sintagmas de determinante (SD) com um determinante nulo – a mesma saída que Chierchia (1998) encontra para os nomes nus do italiano – ou que ocorre uma operação de mudança de tipos. O caso é que, para eles, nomes nus podem denotar espécie.

⁹ Menuzzi, Figueiredo Silva e Doetjes (2015) apresentam ainda uma visão intermediária entre essas duas, no entanto, não adentraremos nessa discussão, pois, uma vez que a proposta ali apresentada considera aceitável a sentença em (24), entendemos que são válidas, portanto, também para esses autores, as considerações tecidas na subseção 3.1.

Pires de Oliveira et al. (2010) apresentam como argumento a favor da denotação de espécie dos nomes nus sentenças como (25), retirada de *lides* de textos jornalísticos, (26), encontrada via internet, em textos escritos, e um teste psicolinguístico de aceitabilidade, no qual 200 informantes escolheram entre 36 sentenças (dentre as quais apareciam algumas sentenças inaceitáveis, para avaliar o julgamento dos informantes acerca da agramaticalidade de sentenças):

(25) Boto chinês está extinto, dizem cientistas.

(26) Isso explica, na minha modesta opinião, o espanto dos infelizes que acham que LP está extinto.

Sobre os *lides*, parece-nos claro que os textos jornalísticos obedecem a princípios particulares de produção. Os autores defendem que nomes nus não têm leitura específica nesse contexto, mas, na mesa-redonda “Palavras e coisas: efeitos de referência, designação, referenciação”, no 62º Seminário do GEL, Sírio Possenti defende o contrário: para ele, em títulos e *lides* de notícias, embora não haja determinante explícito, a leitura dos nomes (aparentemente) nus é sempre específica, isso porque o referente que o leitor deve alcançar pode ser algo já conhecido por ele de outras notícias, já que um jornalista não tem a segurança de que sua notícia é a primeira a qual o leitor teve acesso¹⁰ (informação verbal) – entendemos que essa interpretação diz respeito à familiaridade/anaforicidade que os determinantes instauram nos sintagmas dos quais participam (ver BERTUCCI & MÜLLER, 2012). Assim, não parece ser o caso de que temos em (25) um nome nu de fato.

¹⁰ POSSENTI, Sírio (Docente). 62º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), (30/06/2014 a 03/07/2014), Campinas, SP, Brasil, Oral: “Anáfora e metáfora: entre memória e cognição” na Mesa-redonda: “Palavras e coisas: efeitos de referência, designação, referenciação”.

Uma outra hipótese levantada atualmente por Ana Müller é a de que ‘estar extinto’ não é equivalente a ‘*be extinct*’ do inglês: “Primeiro, porque o verbo usado é ‘estar’ e não ‘ser’. ‘Estar’ denota estágios transitórios e não definitivos – ‘estar cansado’ vs ‘ser cansado’. Segundo, é possível dizer ‘Eu extingui os ratos lá de casa de um em um.’ Em suma, provavelmente ‘extinguir’ e ‘estar extinto’ não são predicados de espécie em PB” (Conversa Pessoal)¹¹.

Quanto a (26), podemos levantar a hipótese de que, por se tratar de uma operação recursiva de encaixamento, o material fonológico do determinante tenha sido ocultado, fenômeno que poderia não ocorrer, caso o sintagma estivesse à esquerda da sentença.

O caso é que Pires de Oliveira et al. (2010), utilizando o VARSUL e o NURC, não mostram resultados de nomes nus saturando predicados de espécie, apenas nomes com determinante nesse contexto¹². Com efeito, para o PB, ainda carecemos de comprovação de nomes nus denotando espécie em *corpora* de fala espontânea.

3.2 Müller (2000, 2002, 2003, 2004) e Müller & Oliveira (2004)

As autoras defendem nesses trabalhos que no PB nomes nus não são capazes de denotar espécie e que a expressão padrão de referência a espécie dessa língua é o definido genérico. Assim, o julgamento delas é de que (24), repetida abaixo, é agramatical, ao passo que (27) é produtiva:

(24) *Dinossauro está extinto.

(27) O dinossauro está extinto.

¹¹ Essa hipótese não será desenvolvida aqui, mas será nosso alvo em trabalhos futuros.

¹² Sugerimos a leitura do trabalho para verificação dos dados ali apresentados.

Müller (2002, 2004) e Viotti & Müller (2004), ao contrário dos autores da subseção anterior, defendem que nomes nus são sintagmas nominais, não sintagmas de determinante, por isso sua leitura é sempre não-específica (e a isso se deve a agramaticalidade de nomes nus em posição de sujeito de sentenças episódicas, como veremos na seção a seguir).

Um argumento a favor da hipótese de Müller (2002, 2004) é a investigação de Taveira da Cruz (2012) do fenômeno da incorporação semântica. Tal fenômeno ocorre quando há a fusão do argumento nominal com o verbo a fim de produzirem um novo predicado de um lugar, como nas sentenças abaixo:

(28) Pedro [joga bola] com João.¹³

(29) Pedro [tomou café] às cinco horas.

Em (28) e (29) reconhecemos casos de incorporação semântica, na medida em que a fusão verbo+nome nu refere-se a uma atividade culturalmente estabelecida. Todo falante reconhece as atividades realizadas em (28) e (29) mesmo que, por exemplo, Pedro tenha tomado chá, e não café, às cinco horas. Nas palavras do próprio autor: “[...] para que o fenômeno da incorporação (semântica) ocorra, é preciso que o NNN (singular nu) seja um NP (sintagma nominal) ou N. Portanto, se considerarmos o NNN como um DP (sintagma de determinante), precisamos defender que não há IS no PB” (TAVEIRA DA CRUZ, 2012, p. 114).

A seguir, expomos a análise de Müller (2004) para o nome nu no PB como tópico sentencial, baseada em Partee (1991).

¹³ Exemplos do próprio autor (ver TAVEIRA DA CRUZ, 2012).

4 Nome nu como tópico sentencial

Nas seções anteriores, analisamos a ocorrência de nomes nus em sentenças genericamente quantificadas como na sentença em (11), abaixo repetida, e em sentenças episódicas com nomes nus em posição pós-verbal, sempre com leitura não-específica (16). Em posição de sujeito em sentenças episódicas, nomes nus são agramaticais¹⁴, especialmente no singular nu (ver (27) e (28)):

(11) Mulher adora maquiagem.

(16) Júlia comeu bombom.

(30) *Menino está brincando com os amigos na praça.

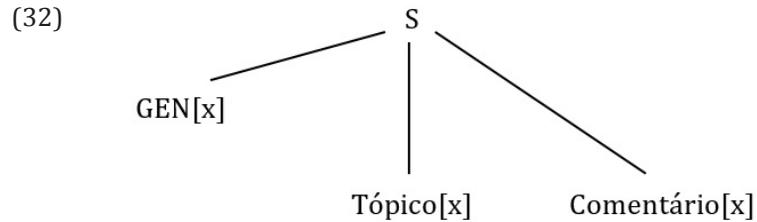
(31) *Mulher comprou roupa naquela loja.

Há algum tipo de restrição que não licencia nomes nus em posição de sujeito de sentenças episódicas. Essas sentenças exigem de seus sujeitos uma leitura existencial, o que não é o caso do singular nu: sempre que aparecem nessa posição, eles têm leitura genérica. Assim é que Müller (2004) propõe que no PB nomes nus não ocupam a posição de sujeito, mas de constituinte topical, uma posição não-argumental. Para tal defesa, a autora utiliza como fundamento teórico Partee (1991). Vejamos a proposta.

Partee (1991) alega que há uma correlação entre a estrutura quantificacional (aquela apresentada em (13)) e a estrutura informacional da sentença, assim, o que é a restrição da quantificação genérica equivale

¹⁴ Seguindo a noção de Landman (1989) de “incomplete involvement”, Menuzzi et al. (2015) defendem que o singular nu é aceitável em sentenças episódicas. A ausência de dados que corroborem essa hipótese no PORFATER nos torna inaptos a desenvolver essa proposta neste artigo.

ao tópico da sentença e o que é a matriz equivale ao foco na estrutura informacional. Uma sentença como em (33b), que seria uma resposta à pergunta em (33a), é analisada conforme o esquema em (32):



- (33) a. O que você sabe sobre político?
 b. (Geralmente) [Político] [fala muito].

Considerar os nomes nus como tópico sentencial em posição externa à sentença tem implicações extremamente pertinentes: se nomes nus sempre têm leitura genérica em posição de sujeito, significa que eles não podem ocupar a posição de sujeito de sentenças episódicas, pois essas sentenças exigem uma interpretação existencial. Como proposto por Viotti & Müller (2003, p. 452), “existe uma correlação entre certas posições sintáticas e certas possibilidades de leitura”. Assim, à medida que a posição de sujeito (spec de IP) implica leitura existencial, a posição de tópico (posição A-barras – fora da sentença) suscita leitura genérica. O nome nu, por não ser um SD (só esses sintagmas podem ocupar a posição de spec de IP), ocupa uma posição A-barras, configurando-se como um tópico sentencial.

Essa análise tem como reflexo, ainda, mais uma contra-argumentação à possibilidade de nomes nus denotarem espécie: a posição aparente de sujeito ocupada pelo nome nu em (24) é, na verdade, tópico sentencial, e a

referência a espécie estaria não na denotação do nome nu, mas na pergunta à qual se ofereceu (24) como resposta¹⁵.

A restrição aqui discutida, de agramaticalidade de nomes nus em posição de sujeito de sentenças episódicas, aplica-se apenas ao singular nu. No entanto, outros trabalhos apresentam a possibilidade de encontrarmos o plural nu em sentenças episódicas, nesses casos, a leitura que temos é existencial e não-específica (ver BRAGA, 2011).

A seguir, apresentamos que os dados do PORFATER corroboram com essa análise dos nomes nus como tópico sentencial, além de outras previsões teóricas até aqui apresentadas.

5 Nomes nus no PORFATER

O *corpus* de análise linguística Português Falado por Estudantes Teresinenses – PORFATER, levantamento da fala dos teresinenses realizado pela Universidade Federal do Piauí, apresenta-se como uma fonte de comprovação ou refutação das pesquisas que viemos até aqui apresentando (cf. BORGES NETO; MÜLLER; PIRES DE OLIVEIRA, 2012). Propomo-nos aqui a apresentar alguns dos dados levantados no corpus, que conta com a transcrição de 29 entrevistas com crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio de escolas públicas e particulares. Escolhemos qualitativamente aqueles que melhor ilustram o comportamento do teresinense, no tocante à utilização dos nomes nus.

¹⁵ Menuzzi et al. (2015) argumentam que não é apenas a estrutura informacional a responsável pela presença do singular nu na posição de sujeito de sentenças genéricas, mas que depende de uma relevância contextual, considerando já o nível do enunciado (para além do âmbito da sentença). Embora não descartemos essa possibilidade, para os propósitos deste artigo, não a apreciaremos neste trabalho. Basta-nos a proposta de Müller & Viotti (2003) e Müller (2004) de que o singular nu ocupa uma posição não-argumental, uma vez que a relevância contextual advogada por Menuzzi et al. (2015) inclui a relação de tópico-comentário que aqui estamos considerando.

Começamos apresentando as posições em que encontramos nomes nus no *corpus* e as interpretações licenciadas. Em seguida, apresentamos os dados encontrados sobre a denotação de espécie. Finalizamos a seção com um quadro sintético dos dados encontrados.

5.1 Posições dos nomes sem determinantes

Encontramos no PORFATER dados que confirmam a possibilidade de encontrarmos nomes nus em posição de objeto tanto no singular nu quanto no plural nu.

(34) ... depois que batia [o sinal] ia nas salas e achava **caneta, grafite, borracha**

(35) Não posso comer nem **caranguejo** nem **camarão**

(36) ... aí deveria decretar **leis** contra dro//contra a droga

(37) Também gosto de **filmes**

Em posição (aparente) de sujeito, também encontramos casos tanto no singular quanto no plural:

(38) **Criança** assim... vai pro céu

(39) **Multa** não é tão ruim assim, acho que **multa** tem o seu valor

(40) **Homens** e **mulheres** não tão se relacionando muito bem

(41) **Estudantes brancos**, por exemplo, vão achar muito ruim

Nessa posição, encontramos dados expressivos que confirmam a hipótese de Müller (2004) de que a posição ocupada pelo nome nu é externa à sentença, assumindo a condição de tópico sentencial:

(42) Entrevistador (ENT): O que que tu pensa sobre os meninos de rua?
Informante (INF): **Meninos de rua** a tendência é:: a violência... é porque num tem o ensino... sabe?

(43) ENT: Mas você sabe o que é que elas fazem a psicóloga e a jornalista?
INF: Ham ram... **Jornalista** é:: elas escrevem...

(44) INF: Aí o Miguel dá os dados viciados, sabe o que é isso?
ENT: Dados o quê?
INF: Dados viciados
ENT: Ah! sei, sei
INF: **Dados** que só tem o mesmo número.

(45) INF: Eu quero ser advogada
ENT: Por que?
INF: Sei lá **advogada** é::... termina a bri::ga...

Ora, conforme a predição de Müller (2004), nomes nus, especialmente o singular nu, são tópicos sentenciais em posição externa à sentença. Nos casos de (42)-(45), temos casos em que o nome nu é o conteúdo compartilhado entre a pergunta (entre o assunto da conversação) e a resposta. Ainda corrobora com a hipótese o fato de que todos os nomes aí possuem leitura genérica. Encontramos apenas um caso de nome nu com leitura existencial e em contexto de voz passiva, que apresentamos na seção a seguir.

5.2 Interpretações licenciadas

As leituras existenciais e genéricas estão intimamente ligadas ao aspecto gramatical do verbo e encontramos a leitura existencial geralmente em sentenças cujo aspecto verbal é o perfectivo, de modo simétrico à leitura genérica, licenciada pelo aspecto imperfectivo do verbo (aspecto no qual está embutido o operador genérico GEN(x)).

Quanto à interpretação licenciada pelos nomes nus, a leitura genérica é a de maior ocorrência, tanto em posição de sujeito como de objeto, tanto no singular nu quanto no plural nu (ver (46)-(49), além de alguns já apresentados anteriormente).

(46) **Filme** é uma coisa ótima

(47) Eu gosto de brincar **de ioiô, de boneco**

(48) Eu acho que isso tende cada vez mais diminuir essa idade... hoje **crianças de treze anos doze anos** já... já fala isso com os pais...

(49) Eu faço **bonecos**, às vezes eu faço **quadrinhos**

A leitura existencial, por sua vez, foi verificada apenas na posição de objeto (ver (50) – (53)) para o singular nu e plural nu.

(50) É... roubaram **moto**... moto e uma bicicleta lá perto de casa

(51) Raramente a pessoa encontra **índio** aqui na região

(52) [Deus] Deu **roupa** para eles, mas expulsou eles do Jardim do Éden aí eles criaram **filhos**...

(53) Aí outras leram é **advinhas quadrinhas** leram isso daí...

Encontramos um caso apenas de plural nu em posição de sujeito com leitura existencial:

(54) Foram detectados **casos** [de morte] no Rio Grande do Sul

Contudo, o contexto aqui é de apassivação do sujeito. Nosso julgamento é o de que, em última análise, essa posição é, na verdade, a de objeto, tendo

como fundamento a reflexão de Miotto, Silva e Lopes (2013) sobre a flexão passiva que tem a capacidade de tornar o verbo com características de verbo inacusativo.

Singular nu em posição de sujeito de sentenças episódicas não foi encontrado.

Trazemos na última subseção os dados do PORFATER acerca da denotação de espécie.

5.3 Sobre a denotação de espécie

No PORFATER, todos os predicados de espécie do *corpus*, assim como Pires de Oliveira et al. (2010) no NURC e VARSUL, foram saturados por expressões definidas, não tendo sido verificados nomes nus em contextos de denotação de espécie.

(55) Também deveriam proteger **os animais** que tão em extinção... **o tamanduá bandeira**... existem poucos

(56) Acho que deveria assim extinguir totalmente **aqueles tipos de drogas** que são letais

(57) A nossa fauna vai morrer e pronto aí acabou **a fauna do Brasil** aí vai acabar **os animais**

Essa conjuntura confirma as predições teóricas de que os nomes nus no PB funcionam como indefinido genérico e, assim, são agramaticais em expressões de referência a espécie.

Apresentamos, no quadro a seguir, a síntese dos resultados que encontramos no PORFATER, contendo o número das ocorrências de nomes nus:

Quadro 1 – Nomes nus no PORFATER

Nomes Nus	Leitura Existencial	Leitura Genérica	Denotação de Espécie
Singular Nu Sujeito	–	28	–
Singular Nu Objeto	83	58	–
Plural Nu Sujeito	–	19	–
Plural Nu Objeto	64	43	–

Apresentamos a seguir nossas conclusões alicerçadas nos dados aqui dispostos.

Conclusão

Este trabalho apresentou alguns dos estudos sobre o comportamento semântico dos nominais nus no português brasileiro e buscou, a partir da análise do *corpus* PORFATER, expor quais predições teóricas são corroboradas pelos dados encontrados.

Encontramos no PB falado por teresinenses nomes nus tanto em posição de sujeito como em posição de objeto, seja para o singular, seja para o plural, dentro do esperado pelas predições teóricas de todos os teóricos do tema.

Verificamos que não ocorrem nomes nus com leitura existencial em posição de sujeito, como esperado por Müller (2004), cujo juízo é o de que esses nomes são tópicos sentenciais em posição externa à sentença, daí sempre encontrarmos tais nomes com leitura genérica. Para a posição de objeto, a leitura que temos dos nomes nus é ora existencial, ora genérica (com maior recorrência do primeiro), mas sempre com sentido não-específico.

Por fim, a ausência de nomes nus saturando predicados de espécie está dentro do que expectam as defesas de Müller (2000, 2002, 2003 e 2004) e Müller & Oliveira (2004) de que a leitura genérica dos nomes nus advém da sua participação em sentenças genericamente quantificadas e não de sua própria denotação e que com predicados de espécie nomes nus são agramaticais.

Concluimos, portanto, que os nomes nus no PB falado em Teresina são todos indefinidos heiminianos e não possuem a capacidade de denotar espécie, sustentando intuições pertinentes acerca do comportamento desses nomes e dos fenômenos dos quais eles participam, tais como a incorporação semântica.

A discussão acerca dos nomes nus tem nos levado a perceber questões muito interessantes sobre a semântica das línguas naturais. Nossa intenção aqui foi a de contribuir, por meio da análise de dados espontâneos, com a compreensão da semântica dos nomes nus no PB.

Referências

- BERTUCCI, Roberlei; MULLER, Ana. Sintagmas nominais nus expressam a distinção definido vs indefinido? In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MEZARI, Meiry Perucchi (Org.). *Nominais Nus: um olhar através das línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 149-184.
- BORGES NETO, José. Semântica de Modelos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; FOLTRAN, Maria José (Org.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. v. 1, p. 9-46.
- BRAGA, João Vinicius de Almeida. *Plural nu: uma visão indefinida*. 2011. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- CARLSON, Gregory. *Reference to kinds in English*. 1977. 487 f. Thesis (Ph.D.) – University of Massachusetts, Amherst, 1977.
- CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, n. 6, p. 339-405, 1998.

DOBROVIE-SORIN, Carmen; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Generic Bare Singulars in Brazilian Portuguese. In: ARREGI, Karlos et al. (Ed.). *Romance Linguistics 2008: Interaction in Romance*. John Benjamin Publishing Company, 2008, p 203-216. <http://dx.doi.org/10.1075/cilt.313>

GERSTNER, Claudia; KRIFKA, Manfred. Genericity. In: JACOBS, Joachim et al. (Ed.). *Syntax: an international handbook of contemporary research*. Berlin: de Gruyter, 1993. p. 966-978.

HEIM, Irene. The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases. 1982. 426 f. Dissertation (PhD) – University of Massachusetts, Ann Arbor, 1982.

KRIFKA, Manfred et al. Genericity: an Introduction. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis Jeffrey (Ed.). *The Generic Book*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995. p. 1-124.

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira; SERRA, Maria Anecy Calland (Org.). *Português falado por estudantes teresinenses*. Teresina: EDUFPI, 2010.

MENUZZI, Sérgio de Moura; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; DOETJES, Jenny. Subject Bare Singulars in Brazilian Portuguese and Information Structure. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 13, n. 2, p. 7-44, 2015.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

MÜLLER, Ana. Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, Campinas, v. 39, p. 141-158, 2000.

_____. Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro. *Revista Letras (Curitiba)*, UFPR, Curitiba, v. 58, p. 331-344, 2002.

_____. Tópico, foco e nominais nus no PB. In: NEGRI, Lígia.; FOLTRAN, Maria José; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (Org.). *Sentido e significação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 77-95.

MÜLLER, Ana; OLIVEIRA, Fatima. Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Portugal, v. 3, n. 1, p. 9-36, 2004.

PARTEE, Barbara. Topic, focus, and quantification. In: MOORE, S.; WYNER, A. (Ed.). *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory (SALT)*. Cornell Working Papers in Linguistics 10. Ithaca: Cornell University, 1991. p. 159-187.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; SILVA, Josa Coelho da; BRESSANE, Mariana Rublescki. O singular nu denota espécie: uma investigação empírica. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), v. 26, p. 115-140, 2010.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; ROTHSTEIN, Susan. Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Língua* (Haarlem. Print), v. 121, p. 2153-2175, 2011. <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2011.09.004>

SCHMITT, Cristina; MUNN, Allan, Against the Nominal Mapping Parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese, *Proceedings of NELS*, n. 29, p. 339-353, 1999.

SCHMITT, Cristina; MUNN, Allan. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook*, n. 2, p. 253-269, 2002.

TAVEIRA DA CRUZ, Ronald. A estrutura dos nominais nus e a incorporação semântica no PB. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MEZARI, Meiry Perucchi (Org.). *Nominais Nus: um olhar através das línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 149-184.

VIOTTI, Evani; MÜLLER, Ana. O comportamento sintático e semântico de sujeitos indefinidos no PB. *Revista Letras*, Curitiba, n. 60, p. 435-453, jul./dez. 2003. <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v60i0.2877>

Recebido em 12/05/2015.

Aceito em 07/08/2015.